Capítulo 54

A presença negra nas Américas

A colonização das Américas baseou-se fundamentalmente na força de trabalho proporcionada pelos africanos. Na mineração ou na agricultura, os portugueses, espanhóis, franceses, ingleses ou holandeses, todos sem exceção, com maior ou menor intensidade, exploraram a mão-de-obra de escravos africanos.

Os primeiros trabalhadores brasileiros foram os indígenas do litoral que, no início do século XVI, em troca de espelhos e contas coloridas, ajudaram a extrair o pau-brasil e a erguer as primeiras vilas. Mas eles se rebelaram quando os colonos tentaram escravizá-los e obrigá-los ao trabalho diário. Muitos grupos quase foram exterminados e os sobreviventes fugiram para o interior; outros se abrigaram nas aldeias de catequese dos jesuítas, que sempre lutaram contra a escravidão indígena.

Apesar dos esforços dos padres, a escravidão dos índios continuou, sobretudo em São Paulo. Paralelamente, nas regiões açucareiras, os senhores de engenho passaram a trazer escravos da África. A presença negra teve início por volta de 1550 e, em menos de três séculos, no fim do período colonial, de cada três brasileiros, um era escravo africano ou tinha origem africana.

1. Caçados e vendidos

Ao explorar a costa africana em busca de caminho para as Índias, os portugueses capturaram um grupo de negros em 1441. Nos anos seguintes, o tráfico negreiro tornou-se atividade sistemática e lucrativa, destinada a suprir de escravos os serviços domésticos e a indústria açucareira dos Açores e da Madeira.

No início, os traficantes caçavam: entravam nas aldeias e prendiam os habitantes. Com a valorização do escravo, passaram a intermediar: em vez da caçada, a compra. Os próprios chefes das tribos africanas vendiam as pessoas em troca de tecidos, jóias, armas, tabaco, algodão, cachaça. Nem todos os chefes se corrompiam. Nesse caso, os mercadores provocavam guerras entre as tribos. Findos os combates, procuravam o chefe da tribo vencedora e compravam os prisioneiros.

A expansão da atividade açucareira no Brasil favoreceu o *comércio triangular*, entre América, Europa e África. Barcos portugueses seguiam para a África, obtinham os escravos; atravessavam o Atlântico, vendiam os escravos no Brasil; e voltavam a Portugal com os porões cheios de açúcar, tabaco e outros produtos. Calcula-se que tenham trazido 3 milhões de africanos para o Brasil; e que outros tantos tenham morrido nas viagens dos *navios negreiros*. Se contarmos os que foram levados para outros pontos das Américas e Europa, mais os que morreram, calcula-se que mais de 50 milhões de africanos foram arrancados de suas terras.

2. Vida de escravo

O africano não era considerado ser humano, mas mercadoria como qualquer outra. Chegando ao Brasil, era exibido nos entrepostos comerciais, para o exame minucioso dos compradores. A organização social e familiar não merecia consideração. Diferentes compradores podiam levar, separadamente, pais ou filhos, maridos ou mulheres.

Nas fazendas, os escravos viviam em promiscuidade, em habitações coletivas, as *senzalas*, quase sem janelas, para facilitar a vigilância. Trabalhavam de sol a sol em canaviais, moendas, caldeiras, praticamente sem descanso, pois aos domingos cuidavam de roçados para seu próprio sustento. O alimento principal era a mandioca.

A dureza do trabalho e a precariedade da alimentação fazia com que a vida útil do escravo chegasse no máximo aos dez anos. Seus filhos os substituíam desde cedo. Assim, por todo o período colonial e monárquico, os negros forneceram a maior parte da mão-de-obra.

Os capatazes mantinham vigilância permanente. Qualquer deslize implicava severo castigo, como: o *tronco*, em que o negro, preso pelas canelas, era açoitado com o *bacalhau*, chicote que abria fendas, nas quais se punha sal; o *viramundo*, instrumento de ferro que prendia mãos e pés; a *gargalheira*, colar de ferro com vários braços em forma de gancho. Faltas mais graves podiam merecer penas mais cruéis ainda, como a

2. *Origem do pré-capitalismo*

A emergência do capitalismo relaciona-se à crise do feudalismo, que deu sinais de esgotamento em fins do século XI em razão, basicamente, do descompasso entre as necessidades crescentes da nobreza feudal e a estrutura de produção, assentada no trabalho servil. Crescia o número de senhores, parcela não-produtiva, pois vivia das contribuições dos servos. Estes não tinham interesse em aumentar a produção; as técnicas de cultivo estagnaram. Os senhores feudais aumentaram as já pesadas obrigações servis, causando fuga generalizada dos feudos. Os senhores diminuíram suas despesas, apelando para o deserdamento dos filhos mais novos, que caíram nas estradas em busca da sobrevivência.

A marginalização nas camadas servis e senhoriais criou o exército de homens disponíveis para as Cruzadas. Engrossadas graças ao sentido religioso da época, elas representavam também uma válvula de escape para as tensões sociais. Foram a primeira grande expansão territorial da Europa depois do recuo medieval. As Cruzadas dinamizaram as atividades de troca ao reabrir o Mediterrâneo, que os muçulmanos haviam fechado no século VIII. Os saques puseram muita moeda para circular. Cidades italianas importavam produtos orientais. Surgiram as *companhias mercantis*, formadas pela associação de comerciantes (acionistas), que investiam capital na compra de barcos e mercadorias, cujos lucros eram repartidos. O medo ao desconhecido foi substituído pelo espírito de risco, aventura. Nascia o espírito capitalista.

O impacto sobre o feudalismo foi fulminante, já que o sistema tinha potencialidade mercantil, isto é, a possibilidade de desenvolvimento do comércio em seus limites. Senhores foram estimulados a consumir novos produtos e, para tanto, foram obrigados a aumentar suas rendas, produzindo para o mercado urbano. Precisaram, então, mudar as relações servis, transformando os servos em homens livres, que arrendavam as terras com base em contratos.

O resultado global foi o surgimento de numerosas rotas de comércio. Preponderaram as marítimas e fluviais, pois as terrestres apresentavam riscos elevados. Formou-se um anel comercial que tendia a expandir-se, integrando rotas secundárias. O ponto nervoso era o condado de Champagne, centro do comércio internacional da época. As feiras medievais ganharam novo dinamismo. Foram perdendo o caráter temporário, estabilizaram-se, transformaram-se em centros permanentes, as cidades mercantis.

3. *Burgueses e artesãos*

Ansiosos pela proteção dos castelos, os *burgos*, ali se reuniam os comerciantes, vindos em maioria das camadas marginalizadas pela crise do sistema feudal. Por isso se chamavam *burgueses*, classe social básica para a-transformação do capitalismo. Os burgueses compravam dos senhores feudais os direitos para tocar suas atividades. Para proteger seus interesses, organizavam-se em associações, as *guildas*. Os artesãos se organizaram em *corporações*, que defendiam seus membros da concorrência externa e fiscalizavam a qualidade e o preço dos produtos.

Os artesãos da mesma profissão trabalhavam na mesma rua, em oficinas de portas abertas, para que os fregueses pudessem inspecionar o produto ou serviço. Matéria-prima e ferramentas pertenciam ao artesão, um *mestre* na sua especialidade. Filhos ou outros parentes ajudavam mediante pagamento: eram os *oficiais*, que passavam pela fase de *aprendiz*, em geral de sete anos.

Nas cidades maiores, onde a indústria de seda ou lã era desenvolvida, os mestres contratavam diaristas que recebiam por jornada: eram os *jornaleiros*, antecessores dos modernos assalariados, que se tornariam numerosos a partir do século XVI.

Questões propostas

1. Que condições se definem plenamente no capitalismo?

2. Quais as principais fases do capitalismo?

3. Destaque os principais pontos do pré-capitalismo, resumindo: expansão européia; reabertura do Mediterrâneo; circulação de produtos; feiras; associações de comerciantes e artesãos.

4. Onde surgiram os primeiros jornaleiros? Que significaram eles?

castração, amputação de seio, quebra de dentes a martelada e emparedamento vivo.

Os escravos resistiam de várias formas. Havia os que se suicidavam ou matavam os feitores. Os fugitivos eram caçados pelos *capitães-do-mato*, profissionais que recebiam certa quantia por escravo recapturado. Muitos conseguiam escapar e formar quilombos.

3. Os quilombos: Palmares

O quilombo não foi um fenômeno isolado. Houve quase uma centena deles, especialmente no Nordeste: oito em Sergipe, onze em Alagoas, doze na Bahia, onze na Amazônia, nove em Minas Gerais, quatro no Maranhão, onze em São Paulo. A maioria durou pouco e não mereceu registro histórico. Mas o fato de sabermos que existiram permite-nos concluir que os negros lutaram intensamente contra a escravidão.

Os habitantes dos quilombos, os *quilombolas*, produziam seus alimentos e desenvolviam pequenas oficinas para fabricar roupas, móveis e instrumentos de trabalho. Praticavam uma justiça severa. Puniam adultério, roubo, deserção e homicídio com pena de morte. A vida era difícil, mas ao menos estavam livres da escravidão, reavivando tradições, crenças e costumes. Este é o segredo da resistência dos quilombos durante séculos aos ataques que sofreram: os quilombolas preferiam morrer lutando a voltar à condição de escravos.

Palmares, o mais conhecido dos quilombos, ficava na Serra da Barriga, atual Alagoas. Na verdade, tratava-se da confederação de uma dezena de quilombos, que reuniu milhares de habitantes, comandados por Zumbi. Durante o século XVII, vários governos, holandeses e portugueses, sucederam-se na então capitania de Pernambuco; e a todos eles, representantes de duas das maiores potências coloniais do mundo, os quilombolas de Palmares resistiram com bravura.

A resistência de Palmares foi o acontecimento dominante da história pernambucana na época e um dos mais sérios problemas enfrentados pela administração colonial lusitana no Brasil. A Coroa admitiu que a vitória sobre o quilombo famoso teve o mesmo peso da expulsão dos holandeses. Os quilombolas rechaçaram mais de trinta expedições, comandadas pelos melhores chefes militares daqueles tempos. A destruição só ocorreu em 1695, graças à colaboração do bandeirante paulista Domingos Jorge Velho.

Questões propostas

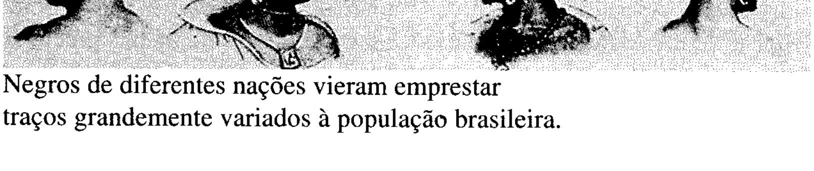
1. Como os traficantes conseguiam os escravos africanos?

2. O que era o comércio triangular?

3. Como viviam os escravos no Brasil?

4. Como eram os quilombos e que significado teve a existência deles?

5. Resuma a história de Palmares.



Negros de diferentes nações vieram emprestar traços grandemente variados à população brasileira.